



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A COMUNICAÇÃO PRÉ-LINGUÍSTICA DO BEBÊ NA INTERAÇÃO COM O
OUTRO.**

ELIZABETH DE LIMA PINTO

Brasília, julho de 2013.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELIZABETH DE LIMA PINTO

**A COMUNICAÇÃO PRÉ-LINGUÍSTICA DO BEBÊ NA INTERAÇÃO COM O
OUTRO.**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientação da Professora Dra Maria Fernanda Farah Cavaton.

Brasília, julho de 2013.

TERMO DE APROVAÇÃO

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Maria Fernanda Farah Cavaton - Presidente
Faculdade de Educação - Universidade de Brasília

Profa. Dra. Tereza Cristina Siqueira Cerqueira - Membro
Faculdade de Educação - Universidade de Brasília

Profa. Dra. Fernanda Müller - Membro
Faculdade de Educação - Universidade de Brasília

Profa. Dra. Gabriela Sousa de Melo Mieto - Membro Suplente
Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília

Dedico este trabalho, a Deus, minha família, a minha amada madrinha Manoella, aos meus amigos, professores e à minha querida Orientadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu a benção da vida, e me amou antes mesmo de eu ser grão de areia, e a Maria que intercedeu por mim e me protegeu para que eu chegasse até aqui com saúde.

À minha família que me apoiou educou e preparou para que eu tivesse as melhores chances de ser bem-sucedida em minha vida.

Minha mãe que desde o início acreditou em mim e a meu pai que investiu em mim todos esses anos. Aos meus irmãos que me acompanharam por toda a vida.

À minha amada madrinha, Manoella que me apoiou desde sempre, e sempre acreditou em mim, obrigada por tudo que fez.

Ao meu avô, Basileu, que mesmo longe sempre torceu por mim.

Minha querida orientadora que sempre paciente me ensinou e compreendeu minhas falhas.

À professora Tereza Cristina que muito me ensinou. E todos os professores que me prepararam para chegar até aqui.

Aos meus amigos que me acompanharam ao longo de toda a minha jornada, me animando para que esse caminho se tornasse muito mais divertido.

Ao meu querido mestre de capoeira, Eduardo e à família Capoeira Mata Verde que me deram lições de vida;

À Suzy, Nivaldo e ao Luiz Eduardo, que foram grandes contribuidores deste projeto;

A todas as pessoas que contribuíram para este momento de alguma forma, as quais eu deixei de mencionar ou não estão mais presentes na minha vida.

RESUMO

Este trabalho traz uma reflexão sobre as manifestações pré-linguísticas de um bebê de 10 meses na interação com o outro. Para aprofundar esse tema, foram utilizados pensadores como Bruner (2007), Elkonin (2003), Español (2005); Rappaport (1981) e Rodriguez (2009). A luz destas teorias foi feito um estudo de caso que tem como principal objetivo refletir sobre essa fase pré-linguística do bebê, o choro, os gestos e o balbucio. Este estudo foi baseado em observações da relação triádica bebê/cuidadora/objetos em atividades realizadas previamente estruturadas de modo a criar uma interação natural. Assim como foi possível analisar de acordo com as observações, e de acordo com RODRIGUEZ (2009) o bebê mesmo para fazer uma simples imitação precisa ter certa consciência e conhecimento do que está fazendo. Porém com tão pouca idade ainda não é capaz de realizar essas atividades sem um adulto, e ainda não atribui uso e função aos objetos do seu cotidiano. Para isso ele precisa do auxílio do outro. Entretanto apesar de precisar do outro, salientamos aqui que este bebê tem papel crucial nessa relação, pois é ele quem leva o adulto a tomar uma atitude, desde que nasce o bebê condiciona o adulto a agir. Nesta idade ele já reconhece a sequência de atividades e já é capaz de associar alguns objetos a elas. Utiliza-se do choro, dos gestos e dos balbucios para se comunicar e conseguir o que quer. Consideramos que essas manifestações pré-estabelecem uma relação de comunicação entre ele e o outro e aos poucos se aprimorarão para dar lugar a linguagem. À guisa de conclusões, este bebê que chamamos de Pedro (nome fictício) ao término de estudo não atingiu as funções ainda, não conseguia aplicar uso e função aos objetos, entretanto já se utiliza com grande facilidade de meios de comunicação, como o choro o balbucio e os gestos para alcançar o objetivo desejado. Ele construiu novos significados, novos usos e funções aos objetos em virtude da interação bebê/cuidadora.

Palavras-chave: tríade, bebê, cuidadora, interação, linguagem.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Memorial.....	11
2 .O primeiro ano de desenvolvimento do bebê.....	17
2.1O bebê e suas descobertas.....	17
2.2Interrelação da tríade: adulto/bebê/objeto.....	19
2.3As primeiras manifestações de comunicação.....	21
2.4 O processo de simbolização.....	23
3 Metodologia.....	25
3.1 Fundamentação teórica da metodologia.....	25
3.2 Contextos da pesquisa.....	26
3.3 Participantes.....	26
3.4 Instrumentos e materiais.....	27
3.5 Procedimentos de construção de dados.....	27
3.6 Procedimentos de análise de dados.....	29
4. Apresentação dos resultados	30
5.Considerações finais.....	35
6.Expectativas futuras.....	37
Referências	38

LISTA DE QUADROS, TABELAS OU GRÁFICOS

Quadro de atividades	27
----------------------------	----

INTRODUÇÃO

Este trabalho fala sobre as manifestações de comunicação pré-linguísticas de um bebê de 10 meses na interação triádica bebê/objeto/cuidadora.

A fase do bebê observado é crucial, na qual o bebê está construindo significados, atribuindo uso e função aos objetos do seu cotidiano.

Ele acompanha seu responsável na realização dos seus cuidados: trocar sua fralda, alimentá-lo, brincar com ele e o levar para passear, entre outros.

Dentro destas perspectivas trazemos autores da linha sóciointeracionista que abordam o assunto de forma crítica e dando devida importância ao adulto neste processo. Como Bruner (2007), Elkonin(2003), Español(2005) Rappaport (1981) Rodriguez (2009) e Vigotski (1998) que trazem suas teorias analisando o papel do adulto neste processo e a construção do processo de simbolização do bebê até chegar a fala.

Primeiramente, faremos uma explicação teórica que embasou nosso estudo e fundamentou o nosso trabalho, aprofundando sobre o assunto. Neste apanhado seguimos uma estrutura que nos permite conhecer a fase que está o bebê de 10 meses, depois a importância do adulto nesta fase e por fim o processo em si, suas manifestações de comunicação e o que se tem sobre o assunto. Assim conseguiremos montar um quadro geral em que fica claro o estudo que foi realizado com esse bebê.

Em seguida, com o auxílio das observações, ilustraremos esse processo para que possamos discutir sobre o assunto.

As questões norteadoras do presente trabalho são:

Que fase está esse bebê de 10 meses?

Qual a importância do adulto neste processo?

Como se dá a comunicação pré-linguística de Pedro?

Assim delimitamos como objetivos gerais e específicos:

OBJETIVO GERAL:

- Descrever e analisar as manifestações de comunicação pré-linguísticas de um bebê de 10 meses na interação bebê/objeto/cuidadora em situações estruturadas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Reconhecer a fase em que se encontra Pedro.
- Analisar a importância do adulto na interação com Pedro.
- Observar esse processo de comunicação pré-linguística.

MEMORIAL

Meu nome é Elizabeth de Lima Pinto, tenho 21 anos e nasci em 24 de setembro de 1991 em Recife, Pernambuco. Sou filha de um pernambucano e de uma manauense, irmã caçula de dois irmãos.

Meu pai é militar desde que me entendo por gente, em função disso nos mudamos mais vezes do que posso me lembrar, entretanto enumero aqui as mais longas e relevantes transferências de cidade que eu acompanhei e que foram significativas na construção do meu “eu”.

Quando eu nasci em Recife, ficamos lá até eu completar três anos, onde eu fiz parte de uma escola de uma ótima professora chamada Jeane, que era muito amiga da minha mãe. Entrei na escola com apenas um ano de idade, olhando agora essa informação posso compreender meu desespero à época por deixá-la, eu havia passado nela praticamente 90% da minha vida.

Depois disso meu pai foi transferido para Manaus, onde eu vivi até os sete anos, lá eu estudei no Colégio Dom Bosco, que era muito bom e tinha ótimos professores, segundo meus pais.

Quatro anos depois de morar em Manaus, meu pai foi transferido para servir em Brasília, como sua área era de comunicações nos aviões, ele teria mais oportunidade de trabalhar na sua área.

Em 1998 nos mudamos para cá, e aqui permanecemos até hoje, no meu primeiro ano aqui minha irmã conseguiu vaga no Colégio Militar de Brasília e eu e meu irmão mais velho fomos estudar na escola pública perto de casa, que eu adorava. Estudei em duas escolas consideradas, hoje, modelo: a Escola Classe 114 Sul e o Centro de Ensino Fundamental 04 de Brasília que é a 113 Sul.

Eu tive uma ótima professora chamada Marisa, apesar de ser muito enérgica, de uma braveza sem igual que fazia todos ficarem quietos na hora, ela tinha muita paciência com a minha falta de concentração e a minha dificuldade de ficar quieta. Ela me deu aula na segunda e na terceira séries. Considero que essa professora foi um dos meus motivos de ter escolhido o curso de Pedagogia.

Na quarta série tive aula com a professora Débora, que era muito boa, de uma doçura sem igual. Ela também era paciente comigo porque, segundo ela, eu falava a aula inteira sem parar e não conseguia me manter sentada, mas era esforçada.

Hoje em dia, depois de ter estudado as teorias pedagógicas e as ter relacionado com a prática, percebo que aquelas professoras entendiam a aluna que tinham em sala de aula e tentavam da melhor maneira que podiam se adequar a ela, sem prejudicar os outros.

Nesta escola já tinha a prática de receber alunos com necessidades especiais. Eu e meus colegas convivíamos com eles, apesar de eles frequentarem outra sala. A escola conseguia os incluir na rotina diária sem arrumar a desculpa do despreparo de uma educação especial. Neste contato, todos os alunos aprendiam libras bem como outras formas de comunicação para integração e a socialização com eles.

Quando me formei no primário, meus dois irmãos já estavam no Colégio Militar e meus pais acharam melhor me colocar no colégio particular, que foi o Colégio Coração de Jesus. Senti diferença em relação a minha escola anterior, os eventos eram mais mecânicos. Havia perdido aquele ambiente familiar onde conhecia da professora até a servidora que limpava o chão. Eu achava a escola muito grande e as coisas muito padronizadas, eu era só mais um número entre tantos outros mil alunos. Passei a maior parte dos dois anos dessa escola nos intervalos e na biblioteca lendo gibis e livros que são minha grande paixão até hoje.

Apesar disso, tive bons professores que me fizeram ter mais certeza do que queria fazer. Uma delas foi a professora Greice de Ciências que era, ao mesmo tempo, estudiosa, inteligente, carinhosa e sabia passar o conteúdo de forma que todos entendessem.

Na sétima série por motivos financeiros eu tive que retornar para a escola pública Centro de Ensino Fundamental 04 de Brasília. E lá foi onde a minha vida acadêmica teve alguns tropeços, havia muitas aulas vagas e o ensino fraco das matérias que eu mais gostava. As aulas de inglês se resumiam às atividades fáceis e eu ficava sem motivação para estudar.

Havia apenas uma professora que se chamava Sandra que era muito boa e dava aulas bem dinâmicas com informações variadas e trabalhos desafiadores que eu gostava de fazer. Eu aprendia muito e queria mais tarefas.

Nesse meio tempo, fui enviada para um projeto da escola chamado Sala de Recursos, que era com Altas Habilidades. Os projetos eram desenvolvidos no meu horário contrário das aulas. Os assuntos eram dos interesses dos alunos, com acesso às várias informações de forma a despertar a curiosidade estudantil. Eu fico pensando que esse é o real papel de uma educação de qualidade. Nesse projeto eu tive uma brilhante professora que se chamava Cida, que era amiga da minha família. Cida sabia quase tudo sobre qualquer assunto, lia incansavelmente tudo que tinha nas mãos. Eu a admiro por sua sede de saber e de nunca achar que sabia o bastante.

Uma vez nossa classe foi em um prédio esquisito com jardins onde haviam jovens sentados, tomando sol, rindo, uns estudando, outros tirando xerox, enfim o dia acontecendo naquele espaço. Entramos em um auditório azul, de cadeiras azuis e persianas azuis, e debatemos sobre as altas habilidades e como poderia haver uma melhor estrutura para atender as necessidades desses alunos. Nessa palestra eu dei um depoimento rápido de algumas palavras sobre a minha idade e minhas facilidades que a meu ver nunca foram aquém de uma criança estimulada. Quando eu saí daquele prédio com aquelas pessoas dando importância ao que eu tinha falado, virei para Cida e disse que decidi que queria estudar ali. Nessa época, eu estava na sétima série. O lugar esquisito era a Sala Papyrus onde eu havia participado de um encontro na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Quando me formei na oitava série. Fui estudar no Centro de Ensino Médio Setor Oeste onde fiquei apenas seis meses, a maioria dos professores estavam de atestado e não havia vigilância de ninguém. Nesse curto período eu tive um professor de Química chamado Marinho, que era

um gênio e era capaz de te fazer entender até o mais difícil cálculo de química.

Devido à falta de professores meus pais me transferiram para o Colégio Notre Dame que era muito bom, seu modelo de ensino era praticamente um cursinho pré-vestibular, nós éramos constantemente ambientados com provas do Cespe, e a matéria a ser cumprida era a exigida pelo vestibular. Nesta escola tive também ótimos professores que me ensinaram muito.

Durante o tempo que fiquei na escola pública eu tive direito de estudar no Centro de Línguas do Elefante Branco e me graduei em Inglês, que é uma matéria pela qual tenho grande paixão. Apesar do ensino muito bom, o curso é longo e traz poucas modificações da sua forma original, fator que desmotiva o aluno.

Mesmo com o primeiro ano sendo apenas em seis meses, meu interesse por leitura facilitou muito o meu estudo, e os seis meses no Notre Dame me ajudaram a conhecer as provas que eu ia fazer. Este ano, eu fui bem no PAS. No segundo ano do Ensino Médio, minha madrinha de crisma, Manoella, matriculou-me em um curso pré-PAS no turno da tarde que foi de grande ajuda para meu ingresso na faculdade. Nesse ano com o cursinho e a escola praticamente martelando de forma lúdica o conteúdo e os modelos nas nossas cabeças eu fui muito melhor. Dediquei-me ao cursinho e consegui uma boa pontuação que já me garantia um passo a frente no PAS.

Com 15 anos, fiz a Crisma e me engajei na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe. Então, comecei a participar da Catequese com criancinhas bem pequenas, nós tínhamos que apresentar Deus a elas de forma que elas ficassem curiosas e fosse divertido. Durante dois anos eu fiquei lá. E foi onde tive certeza do que queria fazer.

No terceiro ano de Ensino Médio, fui transferida para o Centro de Ensino Médio do Setor Leste, que fica bem perto da minha casa. Não posso dizer que foi realmente um ano de acréscimo de conteúdo, porém foi um ano de aprendizagem de cidadania e identidade. No final desse ano, meus pais me mandaram a uma viagem de duas semanas no “Projeto (Re) Vivendo

Êxodos” cuja intenção era a de refazer os passos do Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa em homenagem ao seu centenário. Reuniram inúmeros jovens, sem celular, internet ou qualquer contato, para ir às Minas Gerais e voltar caminhando (uma estrutura que contou com o apoio do Exército, Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e Ambiental, alguns médicos entre outros).

Durante esta caminhada, tive chance de conhecer diferentes pessoas, formas de sobrevivência, comunidades pobres e outras culturas. Essa jornada serviu para que eu entendesse o quanto a vida ensina. Estava acompanhada de professores com grande capacidade de ensinar, de mostrar a realidade para mudar o entendimento que temos dela. Entre eles, Luís Guilherme meu amado professor de História, Acácio meu adorador professor de Geografia e Marilene minha querida professora de Sociologia contribuíram para me fazer querer ser uma boa professora e uma pessoa melhor.

Ao final daquele ano eu passei no PAS, e ingressei na Universidade de Brasília, foi muito gratificante estar finalmente aqui, realizar esse sonho, porém descobri que nem tudo são flores. Mesmo encontrando aqui excelentes professores encontrei também alguns não tão bons assim. No quinto semestre, comecei a trabalhar como auxiliar de sala no Colégio Ciman, onde tenho me realizado profissionalmente. Fazer a formação em exercício requer escolhas, confesso que poderia ter lido e aproveitado mais a faculdade, mas pensei na recompensa financeira e em colocar em prática a teoria que me era apresentada. A escola é o laboratório de testar as teses da faculdade. É também constatar que o contato com as crianças é gratificante ao mesmo tempo em que nos dão muito trabalho. Essa experiência no trabalho diário de uma escola com crianças pequenas serviu para eu descobrir que tinha escolhido a profissão certa.

A partir daí comecei a escolher mais matérias que me ensinavam sobre cuidar/educar crianças pequenas, foi quando me matriculei na disciplina de “Formas de Expressão de 0 a 6 anos”, com a professora Maria Fernanda Farah Cavaton, onde eu, além de discutir as formas de expressão

e comunicação e as fases do desenvolvimento infantil, observava e analisava meus alunos na escola.

Depois de dois anos no Ciman, eu e minha colega de trabalho começamos a cuidar de crianças em domicílio, o que nos rendia um dinheiro extra e ainda fazíamos o que gostávamos. De uma indicação eu conheci uma moça que precisava de ajuda com seu bebê recém-nascido. Nesse meio tempo, fiz a disciplina acima citada que abordava cada fase desse bebê em sua totalidade, e me apaixonei por esse assunto. Esses foram os ingredientes necessários para minha decisão em estudar e escrever sobre essa área infantil neste trabalho de final de curso.

Juntando agora este quebra-cabeça da minha vida acadêmica, percebo o quanto meus pais foram meus maiores professores. E ao citar a importância de meus professores, fui compondo o tipo de profissional eu quero me tornar, doce e carinhosa e também firme e decidida, mas sempre querendo dar o melhor de mim aos meus alunos, e assim como fizeram os meus professores na minha jornada, marcar positivamente suas vidas.

2 CAPÍTULO 1 – O DESENVOLVIMENTO DO PRIMEIRO ANO DO BEBÊ

Neste trabalho, enfatizamos os processos de desenvolvimento que levam o bebê à simbolização, dando enfoque à comunicação existente na relação adulto/objeto/bebê (RODRÍGUEZ, 2009). Este último utiliza, claramente, alguns elementos de linguagem mesmo antes de falar, como choro, balbucios e gestos (BRUNER, 1983; ELKONIN, 2003; RODRÍGUEZ, 2009). Uma vez que o bebê se situa como pertencente da dinâmica sociocultural, na família e na comunidade a qual pertence, percebe-se no mundo em que as coisas e as pessoas possuem um lugar no espaço e no tempo (ESPANHOL, 2005). Enquanto desenvolve suas capacidades motoras, ele observa e agrega significados aos objetos utilizados pelo adulto ao seu redor e aos usados para brincar. Nesse quesito, temos os jogos estruturados ou não que ele participa também com o auxílio do outro (ELKONIN, 2003). Assim o bebê se desenvolve nesses processos ocorrendo simultaneamente, com a crescente evolução do concreto para o abstrato, isto é, vai gradativamente adquirindo a capacidade de usar as coisas com as funções culturais e sociais agregadas a elas, aprendidas com os adultos, para depois esta possibilidade representativa dar lugar à fala (BRUNER, 1983).

1.1 O bebê e suas descobertas

Na infância inicial (0-18 meses) o próprio desenvolvimento intelectual estará ligado a maturação do sistema nervoso central, à capacidade de receber e apreender impressões sensoriais, de executar movimentos, etc. (RAPPAPORT, 2005, p.22)

Ao nascer, somos dependentes de outro humano para realizar os cuidados necessários à nossa sobrevivência. Durante este processo, estamos em contato com a cultura e com as atividades do cotidiano que o outro executa, num processo de aprender as novidades e as informações no dia a dia.

Na corrente psicológica sociocultural do desenvolvimento humano, trouxemos autores como Bruner (1983); Rodríguez (2009); Vigotski (1998);

Rappaport (1981); para explicar processos e funções pelos quais os bebês passam e concordam que o adulto é parte crucial na interação bebê/mundo. Afirmam que sem a atuação do outro ser humano seria impossível para o bebê conceituasse, nomeasse e agisse com os objetos e pessoas e aprendessem a falar, uma vez que é o adulto quem proporciona as atividades e experiências variadas a ele.

No período sensório motor que é de 0 a 24 meses, este bebê está formando seus esquemas sensoriais, que permitirão que se organizem os estímulos ambientais. (RAPPAPORT, 2005, vol. 1, p. 66)

“É nessa fase que se encontram as condutas propriamente inteligentes. A criança já pode variar os meios utilizados para alcançar seus objetivos. Por exemplo, se quer um brinquedo que está atrás de um anteparo, poderá empurrá-lo, balançá-lo, até que tenha acesso ao mesmo. Há uma nova coordenação dos esquemas que esse bebê possui. Não são mais utilizados como fim em si mesmo (como pegar e largar um objeto várias vezes á guisa de exercício), mas como instrumento numa seqüência complexa de ações para atingir seu resultado. Porém diferente dos adultos não existe um planejamento anterior a estas ações.

(RAPPAPORT, 2005, p. 84).”

Naturalmente, o bebê ao nascer utiliza sua bagagem de processos cerebrais e motores que são sua primeira bagagem. Estes auxiliares, chamados aparelhos sensoriais, vem antes do controle motor. O reflexo de sugar, sua primeira ação com o outro, vai se refinando com as experiências de alimentação pelas quais vai passando. A mãe oferece o leite materno, a mamadeira, a chupeta e vai compondo as situações em que o bebê diferencia e aprende a interagir (BRUNER, 2007). As funções elementares infantis, tais como memória, atenção e percepção vão se desenvolvendo aliadas às atividades cotidianas realizadas por um adulto e são responsáveis pela maior parte das ações que ele percebe a sua volta. O bebê passa por uma série de transformações e construções culturais que serão essenciais para o seu desenvolvimento, antes mesmo do uso e da função cultural dos objetos (RODRÍGUEZ, 2009).

1.2 A interrelação da tríade: adulto/bebê/objeto

“O bebê que tem sido, tradicionalmente, visto como sujeito passivo, dependente, apresenta já ao nascer diversas características físicas e comportamentais que direcionam a atividade de outras pessoas. A sua aparência e fragilidade mesmo têm o poder de eliciar nos adultos comportamentos que o protegem. Assim sendo, as posições mais recentes da Psicologia do Desenvolvimento tem considerado o bebê como sujeito ativo desde o nascimento (RAPPAPORT, 2005, p.23).”

O eu, no início, está no centro da realidade, porque é inconsciente de si mesmo e á medida que se constrói como uma realidade interna e subjetiva, o mundo exterior vai se objetivando. Em outras palavras, a consciência começa por um egocentrismo inconsciente e integral, até que os progressos da inteligência sensório-motora levem a construção de um universo objetivo, onde o próprio corpo aparece como elemento entre os outros e, ao qual se opõe a vida interior, localizada neste corpo (PIAGET, 1964, p.19 apud RAPPAPORT, 2005. Vol 1, p.66).

Até os oito ou nove meses, “o bebê começa a se situar em um universo independente dele” (Piaget, 1936, p.188 apud Rodríguez) isto quer dizer que a partir desta idade, ao perceber uma dinâmica acontecendo, ele tenta entender novas informações com relação ao mundo e, em um curto espaço de tempo, insatisfeito com o que recebe, procura realizar suas próprias experiências. Como nessa fase o bebê ainda não possui autonomia de locomoção e controle limitado das suas funções motoras, tais experiências dependem quase que exclusivamente da ação do outro, que não somente o auxilia como ainda busca despertar a curiosidade e interesse da criança nas possibilidades de novas descobertas.

Uma vez que avança em seu desenvolvimento o bebê começa a observar certos objetos que tem inúmeras aplicações no cotidiano dos adultos que estão por perto. A partir dessa observação se agregam novas ações e reações correlacionadas aquele objeto. Com a descoberta do objeto, a criança observa que ele precisa estar em algum lugar, é nesse período que ele descobre que o objeto mesmo após sair do seu campo de visão permanece em algum lugar no tempo e no espaço. Uma vez que este objeto se situa, no esquema cerebral do bebê, se dá

início a construção de uma organização das coisas concretas e abstratas. Este objeto que não deixa de existir, mas pertence a algum lugar é a porta de entrada para o processo de simbolização, e é um importante e complexo esquema que se cria em um cérebro de bebê. Este conceito de permanência, trazido por Piaget (1936 apud RODRÍGUEZ, 2009), está exemplificado no exemplo abaixo:

Aos oito meses e 29 dias Laurent se diverte com uma caixa que tiro de suas mãos para colocá-la embaixo do travesseiro. Quatro dias antes, não reagia em uma situação análoga, enquanto agora pega o travesseiro. Sem poder afirmar que esperava encontrar a caixa debaixo do travesseiro (o comportamento é demasiadomente dúbio para admiti-lo) é, contudo, evidente que Laurent não se interessa pelo travesseiro como tal que o levanta para tentar alguma coisa. O ato de levantar o travesseiro não é, ainda, para a criança um meio seguro, mas constitui já um meio de provar, um gesto diferente de pegar a caixa. (Piaget, 1936, p.196, apud Rodriguez. p.159).

Rodríguez (2009), em análise a esse episódio, critica Piaget por este ter pensado somente na permanência ou não do objeto relacionando-o apenas às conexões de noção de espaço. É importante assinalar que tal ação se constitui em um esquema transitivo e diferente da ação de pegar o objeto que agrega significado e uso nas ações mãe/bebê/objeto em situações do cotidiano familiar.

Essas situações criadas pelos adultos com os bebês e os objetos, e em prolongada interação, acabam por incluir um importante elemento: a brincadeira entre eles. Frequentemente as brincadeiras são iniciadas pela mãe, outras vezes pela criança, quando ela é maior. Os jogos realizados pelo adulto despertam no bebê a capacidade de identificar uma sequência de ação com expectativas pelas próximas ações. Mesmo em tenra idade, o bebê começa a atentar-se para a sequencialidade dos fatos e perceber a ordem dos jogos (BRUNER, 2007).

As interações entre o bebê, o adulto e o objeto são acima de tudo lúdicas, tornando o aprendizado efetivo e construindo significados coletivos por esta tríade. Acima, mencionamos brevemente a participação do adulto neste processo de desencadear experiências, compor ações e ampliar o leque de possibilidades de atuação para o bebê.

Bruner (2007) assinala que aos oito meses, o bebê chamado Jonathan, observado em sua pesquisa em sua relação com a mãe e o objeto, já não aceitava mais ser espectador do jogo. Jonathan começou a assumir um papel mais ativo, tentando desajeitadamente produzir, ele próprio, o desaparecimento e o

reaparecimento do objeto. Já não satisfeito em ser meramente surpreendido pelo palhaço de um brinquedo, por volta dos oito meses, ele estava pronto para fazer ele próprio o palhaço sair do cone. Quando a mãe limitava seus esforços, a sua atenção regredia. Com efeito, ela foi obrigada a deixá-lo assumir o comando de modo a manter seu interesse. Simultaneamente, este bebê começa a desenvolver as funções motoras que auxiliam na descoberta e caracterização dos objetos e suas relações com o outro.

Nessa fase, é possível notar um avanço no que concerne à permanência dos objetos. O bebê passa a buscar os objetos que são tirados do seu campo perceptivo, por várias trajetórias. (RAPPAPORT, 2005, vol. 1, p.66)

No primeiro ano de vida do ser humano são construídas conexões que são responsáveis pelo desenvolvimento para o resto da vida. Aí que se encaixa a função do adulto, ele como mediador deste processo precisa proporcionar atividades variadas para servirem de base ao bebê desenvolver capacidades tanto motoras quanto psicológica.

Español (2005. p. 24) observou o bebê chamado Habib quando levou uma mola colorida que sabia que ele não conhecia. A pesquisadora estava à procura de um objeto não convencional, por não possuir função definida. A autora descreve a fascinação do bebê pela mola e o seu interesse em descobrir como funcionava. Habib se prendeu à sequência de ações desenvolvidas pela autora com a mola e tentava agregar a mola a seus conhecimentos. Após a demonstração da pesquisadora, o bebê fez as ações com a mola em similar sequência a dela. Español, ao realizar esta atividade estruturada, confirma que nesta tríade o adulto possui papel crucial no desenrolar destas ações, pois do contrário o bebê por si só não teria meios de desvendar o uso daquele objeto. E como a criança agrega as funções que damos aos objetos, por exemplo, ao aplicar a função daquele movimento à mola, em seguida tentar colocá-la como pulseira não foi bem aceita por Habib, porque ele já havia conhecido um significado atribuído à mola.

1.3 As primeiras manifestações de comunicação: o choro, o balbucio e os gestos.

Segundo Sinclair (1977 apud RODRÍGUEZ p.160) “o que torna o possível aparecimento dos primeiros sinais linguísticos é a permanência do objeto, se os objetos não tiverem consistência no pensamento do sujeito não poderiam ser evocados em forma de palavra ou gesto”. A essa condição estrutural de aparecimento dos sinais, acrescenta-se outra funcional: a imitação, que deixa de ser apenas imediata para começar a ser também diferida. O modelo a ser imitado já não tem de estar necessariamente presente e pode evocar objetos ausentes. Isto permite a passagem das condutas sensório-motoras às representativas.

Na perspectiva da representação simbólica, aprender a falar passa por um longo processo de práticas de comunicação interpessoais e sociais. De acordo com a pesquisa de Lisína (1974a, 1974b apud ELKONIN, 2003), quando a criança completa um ano de vida, sua comunicação adquire uma forma especial, de nova qualidade, que se desenvolve na atividade conjunta com os adultos mediante as manipulações dos objetos. A comunicação emocional direta “criança-adulto” cede lugar a indireta “criança-ações com objetos-adulto”. O bebê de 8 e 9 meses já se dá conta do que precisa fazer para conseguir o que quer, entrando no território do choro, do balbucio e dos gestos intencionais. Ele se reconhece pertencente a um lugar e percebe que seus comportamentos desencadeiam as manifestações de ajuda e cuidados no adulto ao tentar lhe suprir possíveis necessidades, caracterizando assim uma relação de comunicação pré-linguística entre mãe/bebê. Assim, as atividades realizadas com o adulto/criança/objeto passam a ter um cunho de construção de significados, afetividade e relações psicológicas (BRUNER, 2007; RODRÍGUEZ, 2009).

Em todos os textos utilizados para compor a base deste trabalho se abordou a discussão da interação do adulto e sua importância no papel de mediador da construção dos conhecimentos e relação de uso e função do objeto. O papel do adulto é de suma importância na primeira infância. Porque é graças a ele que a criança conhece o mundo, e mesmo sendo vista pelos olhos dos outros, ela concebe a partir daí suas próprias compreensões. E é assim que ela se compõe como ser social. Para Elkonin (1974, p.152) “a comunicação pessoal da criança de tenra idade se intercala na interação prática com os adultos, mas não se funde a ela, é uma nova forma de contato pessoa com outra pessoa”.

Nessas interações bebê/adulto/objeto, a criança constrói o uso das funções sociais e culturais dos objetos a partir dos usos que os adultos fazem no seu cotidiano com o bebê. Além disso, neste processo, a criança utiliza inúmeras formas de comunicação para manifestar seus desejos ao estar em contato com o adulto que aos seus olhos é o responsável por suprir estas necessidades (RODRÍGUEZ, 2009). O primórdio da representação simbólica do bebê na fase pré-linguística, se relaciona com a fala do adulto que serve de base para a formação dos demais significados simbólicos dos signos (BRUNER, 2007; VIGOTSKI, 1998).

1.4 O processo de simbolização

Os símbolos são poderosas ferramentas de comunicação quando faltam palavras ou quando estas necessitam de seu apoio esclarecedor, mas também para dar significado ao pensamento. “A verdadeira possibilidade de viajar não começa com os primeiros passos, mas com os primeiros símbolos.” (RODRIGUEZ, p. 214). É graças aos símbolos que os objetos mais insignificantes apresentam sentido.

Seria impossível imaginar uma vida cotidiana, onde as pessoas se fizessem entender ou organizassem seus pensamentos de forma compreensível, haver comunicação sem a utilização de símbolos. Por ser um processo que não nasce com o ser humano, precisa fazer parte da vida da criança, de modo que ela compartilhe o uso de símbolos e seus significados com o adulto. Para que ela aprenda a função específica de um objeto, ela o utiliza de acordo com o que lhe é apresentado. Depois de ter aprendido o uso cotidiano dos instrumentos que a cerca, a criança pode utilizar objetos com funções de outros. Por exemplo, utiliza o pente para pentear os cabelos e depois pode representar que está telefonando, fazendo o gesto característico desse ato. Percebe-se que as crianças precisam construir complexas construções semióticas no primeiro ano de vida (RODRÍGUEZ, 2009).

Como Piaget (apud RODRÍGUEZ, 2009) explica os processos internos da criança para a simbolização como construções que o sujeito faz sozinho, não coloca nessas explicações teóricas o outro. Quando este entra representa apenas um auxílio, um apoio às ações do bebê com os signos. Em discordância a Piaget, a criança é incapaz de fazer qualquer descoberta de uso e função sem auxílio de um

adulto, entretanto algumas descobertas são feitas sozinhas, apesar de se ensinar a aplicação dos objetos, existem significados os quais são atribuídos significados particulares.

A criança está imersa na cultura em que está inserida. Nesse processo de simbolização, a percepção de mundo da criança se dá a partir do que é apresentado a ela. Objetos de diferentes culturas possuem diferentes significados. Essa interação é considerada um tipo específico de instrução. Se analisarmos a visão de Vigotski, é possível perceber que o que ele sinaliza é que a criança se desenvolve a partir do desencadeamento de zonas de desenvolvimento proximal oferecidas nas interações pelos adultos. As concepções construídas no social são interiorizadas por ela. Por isso é necessário que a atuação do adulto com o bebê apresente o mundo, as relações e o acesso a vários objetos e materiais para que ele possa se desenvolver com maior autonomia e facilidade.

Ao longo deste capítulo, houve uma sequência de como esse processo de desenvolvimento se constitui, uma vez que a criança alcança o conceito do representativo ela está no caminho de constituir a fala, porque agora que atribui novas funções ao objeto pode passar do concreto ao abstrato. É necessário evidenciar que esse processo pode ser de forma não estruturada, porém não é natural. Requer o adulto brincar, interagir, nomear as coisas e as experiências, promover situações variadas no dia-a-dia em que novidades são apresentadas à criança. Desse modo, o adulto está contribuindo para os processos de significação do bebê nesse primeiro ano de vida. Sem a participação da pessoa falante nas experiências infantis ficaria muito difícil a comunicação e a construção de significados.

3 METODOLOGIA

3.1. Fundamentação Teórica da Metodologia

Este trabalho tem abordagem qualitativa de um estudo de caso.

A pesquisa foi composta de atividades estruturadas realizadas pela pesquisadora/cuidadora com um bebê de 10 meses.

Para Merriam (1988 apud DALMAZO, 2008) um estudo de caso possui quatro itens essenciais, são eles: particularidade, descrição, heurística e indução. A particularidade seria um detalhe, uma situação particular a qual o estudo se atém; a descrição seria o laudo desse estudo, seu resultado; a heurística é a ilustração do fenômeno que levantou o estudo para o leitor e a indução é a lógica onde é baseada a maioria dos estudos.

Com base nessas quatro características o intuito deste trabalho foi de levantar o material teórico que já se tem sobre o assunto, e levantar hipóteses com o auxílio das observações e análises e assim clarear o que se tem sobre o assunto.

Segundo Dalmazo(2008) ,o estudo de caso intrínseco se classifica quando o pesquisador tem um extremo interesse sobre este caso a ser estudado.Portanto selecionamos o estudo de caso como metodologia de pesquisa porque “a partir dos dados coletados o mais fundamental é o que se aprende ao estudar o caso” . Portanto, selecionamos o estudo de caso como método de pesquisa porque “a partir dos dados coletados o mais fundamental é o que se aprende ao estudar o caso (STAKE, 1994 apud DALMAZO, 2008 p.13)”.

Este estudo tem por objetivo refletir sobre as manifestações de comunicação pré-linguística do bebê de 10 meses na interação com o bebê/objeto/cuidadora.

Foram realizadas com o bebê de 10 meses seis sessões nas quais a pesquisadora/cuidadora observou e interagiu como observadora participante

a relação entre a cuidadora/bebê/objeto. Entretanto para análise recortamos quatro episódios em que se configurou esta tríade

3.2 Contextos da Pesquisa

A Pesquisa foi realizada em uma família de classe média alta residente em um apart-hotel localizado em Brasília. Este flat, é apenas um cômodo grande que tem uma sala pequena, à direita uma cozinha americana, seguindo reto, existe a cama com o berço ao lado , atrás da cama um espaldar , a direita mais á frente, o banheiro e seguindo reto a varanda. A mãe possui 30 anos e está desempregada. O pai tem um alto cargo no Banco do Brasil. Eles não possuem outros filhos e estão casados há oito anos.

O local da pesquisa era a sala do apartamento, constituída por um tapete, um sofá e um móvel onde estão guardados os brinquedos do bebê. Porque é o lugar aonde foram colocadas as devidas proteções, não existem quinas a mostra nem lugares aonde ele possa se machucar.

3.3 Participantes

- **Pedro (nome fictício) Bebê de 10 meses.**

O bebê observado é um menino de 10 meses que mora com o pai e mãe. A rotina do neném é bem estabelecida. Ele frequenta uma academia que tem um programa para desenvolvimento de bebês, onde se desenvolvem atividade de música, artes, natação, solo e psicomotricidade. Estas atividades são intercaladas de segunda a sexta.

O bebê não tem contato com outras crianças com frequência significativa. É bem comunicativo, mas um pouco tímido e bastante observador.

Pedro, é grande para sua idade, tem pés e mãos grandes como o pai, tem o cabelo preto liso e olhos amendoados muito carinhosos, bochechas não muito grandes e uma boca bem vermelha como a da mãe.

Gosta de dormir e de mexer com instrumentos musicais, costuma ficar choroso quando não tira seu cochilo da tarde, mas do contrário é bem tranqüilo, não gosta de barulho e nem objetos maiores que ele.

Engatinha com dificuldade , mas já fica em pé sozinho, embora não arrisque dar um passo ainda.

- **Pesquisadora/cuidadora**

Formanda de pedagogia da Faculdade de Educação pela Universidade de Brasília, auxiliar de sala da turma de maternal I, de uma escola particular de uma Região Administrativa do Distrito Federal, professora de capoeira e formada em Inglês pelo Centro Interescolar de Línguas.

3.4 Instrumentos e Materiais

O instrumento desta pesquisa foi a observação participativa de um estudo de caso, com um roteiro estruturado.

Os materiais utilizados como registro foram:

- um caderno no qual a pesquisadora fazia suas anotações;
- um gravador de áudio no qual a pesquisadora narrava os fatos e escutava os sons dos brinquedos e do bebê;
- os objetos do cotidiano: copos, colheres, pratos e tampas;
- os brinquedos sonoros; o trem; o computador e o cachorro;
- os brinquedos não sonoros: bichos de pelúcia;

3.5 Procedimentos de Construção de Dados

Antes de realizar as informações, houve uma conversa com a mãe do bebê que autorizou oralmente as gravações de áudio e as anotações realizadas pela pesquisadora. Ficou ciente que as informações coletadas neste trabalho são para fins estritamente de pesquisa. A pesquisadora informou sobre os procedimentos garantindo que sempre existiria uma preocupação com a segurança e a integridade do bebê.

Foram planejadas 6 observações na casa de Pedro para que ele não fosse retirado de sua zona de conforto e assim pudesse interagir melhor com a cuidadora. O local escolhido foi à sala, onde estavam expostos os objetos do bebê e onde estava acostumado a brincar com a cuidadora, buscando uma interação habitual.

As atividades foram previamente estruturadas de forma a construir uma sequência que fosse compatível com o desenvolvimento de Pedro. A estrutura da atividade era apresentar um objeto, mostrar a função cultural deste, e observar a reação de Pedro.

Porém, tendo em vista que quando se trabalha com pesquisa se trabalha com pesquisa com bebê se trabalha com imprevisto, das seis observações, foi possível recortar apenas quatro episódios que existia a tríade bebê/objeto/cuidadora.

O quadro abaixo apresenta o planejamento dos quatro episódios:

QUADRO DE ATIVIDADES			
SESSÃO	OBJETO	ATIVIDADE	OBJETIVO
01	Trem sonoro que canta enumera de um a dez, e fala inglês.	Entregar o trem para Pedro.	Observar se ele reconhece as funções do objeto.
02	Tambor sonoro.	Mostrar as funções do tambor e entrega-lo a Pedro.	Analisar de ele sabe a sequência de ações que levam o objeto a funcionar.
03	Tampa em formato de cuia.	Sentar com Pedro e cantar e batucar com a mão.	Observar se ele acompanha a sequência de ações.
04	Copo de água Nuk.	Entregar o copo para Pedro.	Analisar suas manifestações de intencionalidade com relação aquele objeto.

Este quadro foi estruturado de forma a explicar a sequência de atividades que seriam realizadas com Pedro uma vez que a cuidadora sentasse com ele no tapete. O intuito era de apresentar o objeto e suas funções, entregar para ele , e após a exploração desse objeto, retirar ou modificar uma função dele para ver a reação de Pedro. Dos quatro episódios , dois foram com instrumentos musicais e dois com brinquedos, escolhidos de forma aleatória por serem diferentes um do outro e chamativos para Pedro. Antes de começar as observações a cuidadora lhe apresentou os objetos e ele os escolheu dentre os outros que estavam na gaveta.

3.6 Procedimentos de Análise de Dados

Depois de recortados os quatro episódios, apresentamos um resumo descritivo de cada um discutindo os dados obtidos com os autores selecionados no nosso referencial teórico.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Na sessão número um, que foi realizada em uma terça feira, a cuidadora sentou com Pedro no tapete da sala, era por volta de 16h00min, ele havia acordado às 15h30min, e tomado 250 ml de água de coco, estava bem-humorado e descansado o que fez com que aproveitássemos a atividade muito bem, ela lhe apresentou somente o trem, com a função sonora ativada. A cuidadora apertou todos os botões e alternativas para o trem cantar, em seguida lhe estendeu o objeto. Pedro observou enquanto a cuidadora lhe apresentava as funções e quando ela terminou, ele demonstrou excitação agitando os braços e emitindo gritinhos de excitação, estendeu os braços em direção do trem acompanhado de um balbucio alto em tom de impaciência.

Quando a cuidadora lhe estendeu o objeto ele se deliciou confirmando as informações recebidas, mas se demorando mais em cada detalhe do trem, analisou de diferentes formas, primeiro o carregou, depois, enquanto o trem cantava a música, ele o sacudiu, após o termino e antes de continuar ele se demorou com o indicador em suas reentrâncias e o virou de cabeça para baixo. Durante essas ações e antes delas ele olhou para a cuidadora para que ela o incentivasse a continuar.

Quando as crianças começam a reproduzir as ações intencionais dos adultos nos objetos, abre-se a possibilidade de adquirir o uso convencional dos instrumentos e dos artefatos de vários tipos, e isso representa a primeira aprendizagem realmente cultural. (KILLEN e UZGIRIS, 1981 citado por TOMASELLO, 1999 apud RODRIGUEZ, p.201).

Após o segundo momento de descobertas e análise do objeto, a cuidadora desativou a função sonora do trem para observar como Pedro reagiria diante desse mesmo objeto sem a função sonora que prendeu tanto sua atenção.

No momento em que o devolveu a Pedro, ele retornou a sua sequência, mais uma vez observou o objeto e em seguida, tentou apertar

novamente todos os botões, para que o trem cantasse ou contasse novamente, entretanto com a função desligada o trem não o fez, e Pedro mais uma vez repetiu a sequência de ações, uma vez que o trem não respondeu, ele olhou para a cuidadora e tornou a sacudir o trem, e, enquanto isso, fez inúmeras reclamações que foram balbucios. Então se cansou e jogou o trem em direção da cuidadora.

Até o último trimestre do primeiro ano, a criança começa a realizar os primeiros usos convencionais dos objetos. Esses usos se veiculam estreitamente com as redes intencionais do adulto e com as correções que faz (sempre em função do nível da criança e das características do objeto), sublinhando assim o papel das intenções. Mas, previamente os bebês incluíram-se em um mundo cultural cheio de significados, mostrado pelo adulto através das redes significativas.

Na quinta feira da mesma semana, foi realizada a sessão número dois, era por volta de 17:00 min., Pedro havia voltado da aula de natação e estava calmo por causa da piscina, a cuidadora sentou com Pedro no tapete e lhe entregou um tambor que na verdade são dois tambores juntos, o tambor no lugar de onde se toca ele possui dois grandes botões que fazem sons de tambor se você os pressiona, mas é necessário que a criança continue tocando para que ele produza o som.

A cuidadora repetiu as ações com Pedro, ligou o tambor e o tocou uma música ritmada enquanto cantava a música dos Indiozinhos. Pedro observou e sacudiu os braços excitado, quando a cuidadora parou de cantar ele estendeu os braços e agitou as mãos para pegar o tambor, a cuidadora o colocou entre suas pernas assim como tinha feito com ela mesma. Uma vez que ele a segurou tornou a cantar a música dos Indiozinhos e Pedro começou a bater no tambor que emitia os ruídos com a intensidade que ele tocava.

Na sessão número três, na segunda feira da outra semana, as 15:00hs, ele havia acabado de acordar e tomar o suco de melancia, a cuidadora sentou mais uma vez com Pedro no tapete, mas virada para o

balcão que fica na frente do tapete, lhe entregou uma tampa do seu copo que tem formato de cuia, e segurou a outra.

Uma vez que Pedro viu, se dirigiu ao balcão e se virou para a cuidadora esperando sua ação, a cuidadora então começou a bater a cuia em cima do balcão e a cantar a música do Seu Lobato tinha um sítio, Pedro começou a tocar junto com ela com seus braços ainda sem total controle, um batucava a tampa no balcão de madeira e o outro se agitava incessantemente enquanto ele gritava e balbuciava em tom de aprovação, ao mesmo tempo ele sacudia o corpo e flexionava os joelhos tentando acompanhar o ritmo da música. Depois de alguns minutos nesse jogo, a cuidadora parou de cantar e batucar, então Pedro que estava muito concentrado se virou para ela que ficou olhando a atitude a seguir, uma vez que ela não reagiu, ele voltou a batucar e se agitar e acompanhado disso emitiu balbucios altos e soavam como um grande: “AAAAH” incentivando a cuidadora a voltar a cantar.

Muitas vezes os bebês não imitam as condutas que os adultos realizam enquanto os ignoram, mas imitam as condutas que os adultos demonstram para eles. Ou seja, a imitação não é mecânica nem uma simples cópia. Assim como salienta Vigotski (1931c, p.138 apud RODRIGUEZ) que afirma que um homem não pode “simplesmente imitar um processo ou um raciocínio se não o compreende suficientemente” ou que a margem da imitação possível concide com a margem das próprias possibilidades do desenvolvimento animal”. (p.137)

Na quarta sessão, realizada em uma quinta feira as 16:00 min. a cuidadora sentou Pedro no tapete e sentou-se na sua frente enquanto segurava um copo com água, imediatamente ele estendeu seus braços em sua direção e se esticou pedindo o copo enquanto balbuciava um manhoso som acompanhado de um bico, a cuidadora então lhe estendeu o copo, mas lhe deu apenas um gole de água então colocou o copo em cima do balcão atrás dela, Pedro então se levantou e ficou em pé sobre as pernas ainda não tão firmes, de modo a enxergar mais uma vez o copo. assim que percebeu

que não alcançava sozinho voltou a olhar a cuidadora e balbuciar em tom de reclamação , uma vez que ela não reagiu ,ele arriscou um cambaleante passo que não saiu do planejamento, então ele agitou seus braços na direção do copo e se virou para a cuidadora aumentando o som que se transformou em um grito seguido mais uma vez do bico, em seguida a cuidadora lhe entregou o copo e ele sentou para beber sua água demonstrando-se muito satisfeito por ter conseguido o que queria.

Com o uso prolongado, diz Vigotski(1931), “o significado do gesto se transfere aos objetos durante a brincadeira, começam a representar determinados objetos e relações convencionais mesmo sem os gestos correspondentes”.

Muito antes de as crianças serem capazes de se comunicar intencionalmente com os outros acerca das coisas e, assim, dar lugar às situações triádicas, já existem interações triádicas em que intervêm a criança, o adulto e o objeto. O que acontece é que a responsabilidade, a intencionalidade e quase sempre a iniciativa ficam a cargo do adulto. (Rodriguez,1993,p.200)

Assim como podemos observar nas sessões com Pedro que não teria tomado atitude de ir buscar os objetos até porque ainda não anda, não construiu significados de todos os objetos, mas com o auxílio da cuidadora pode descobrir significados e sozinho atribuir significados novos aos objetos.

Ainda nessa linha, podemos afirmar que é o adulto quem mostra o mundo ao bebê, quem o introduz em práticas semióticas condensadas (ritmo, ficção, símbolos, linguagem) vinculadas ao aqui e agora ,contribuindo assim, para o conhecimento que a criança vai adquirindo de si mesma,de seu próprio corpo,do mundo e do outro.(Vigotski,1931b, p.146 apud RODRIGUEZ)

Portanto em princípio, a responsabilidade da triadicidade é do adulto. Inclui a criança em suas condutas intencionais muito antes que ela se sirva de seus próprios mediadores semióticos intencionais para manifestar ao adulto algo sobre o mundo (Rodriguez, 1993, p.200).

Os sinais, a princípio são sempre meio de relação social, de influencia sobre os demais e só depois se transformam em meios de influência sobre si mesmo (VIGOTSKI,1931b, p 146 apud RODRIGUEZ)

(...) Durante o jogo, alguns objetos passam a significar outros, substituem-nos, convertem-se em sinais seus. Sabe-se, igualmente que o importante não é a semelhança entre o objeto que se designa e, sim, sua utilização funcional, a possibilidade de realizar, com sua ajuda, o gesto representativo.

Creemos que tão somente nele reside a chave da explicação de toda a função simbólica dos jogos infantis. Uma bola de pano ou um pedacinho de madeira se tornam um bebê durante a brincadeira, porque permitem fazer os mesmos gestos que representam a nutrição e o cuidado dos bebês. É o próprio movimento da criança, seu próprio gesto, que atribuí a função ao sinal do objeto correspondente, que lhe dá sentido. Toda a atividade simbólica representacional está cheia desses gestos indicadores. Para a criança, um pedaço de pau se transforma em cavalo porque pode colocá-lo entre as pernas e aplicar o gesto que o identificará como cavalo. (Vigotski, 1931, p.187-188 apud Rodriguez p.236-237).

O significado reside no gesto e não no objeto “(Vigotski, 1931, p. 188).

Concluimos que Pedro ainda não reconhece as funções dos objetos de forma que eles possam ter um significado simbólico, entretanto ele se utiliza de várias formas comunicativas como o balbucio e seu corpo como reprodutor da mensagem que deseja passar. Durante as sessões, Pedro construir novos significados que irão auxiliar no processo de simbolização, ele já situa os objetos nos esquemas sensórios motores cerebrais e se utiliza disso para conseguir o que quer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como explanamos acima, o adulto é de importância crucial na construção de significados do bebê com o mundo. Sem ele não seria

possível que o bebê recebesse e assimilasse conceitos para construir seus próprios significados ao longo de sua vida.

A questão levantada neste trabalho foi qual a função do adulto neste processo e por meio das observações de Pedro e as teorias abordadas neste estudo podem comprovar que ele possui uma importante função neste processo.

Pedro construiu seus próprios significados a partir dos conceitos apresentados pela cuidadora e atribuiu novos usos e funções aos objetos.

Mas será que Pedro com 10 meses apenas ,é capaz de atribuir uso e função aos objetos e se ele já conhece os símbolos?

A partir do que ele aprendeu será capaz de construir significados que será de suma importância no processo de simbolização. E todas essas etapas construídas juntas com o adulto, contribuirão para seu processo de linguagem.

Entretanto este bebê, não consegue ainda atribuir uso e função dos objetos e nem realiza atividades aplicando estas funções , ele apenas reconhece o uso que foi atribuído ao objeto de acordo com seu uso no cotidiano , na sua rotina, usa o copo para beber água , toca o tambor, etc.

Mas não é capaz ainda de simbolizar, e apesar de repetir com grande eficácia as ações e identificar suas sequências ele ainda não o faz.

Acredito ser importante fazer um elo entre este trabalho e o processo da fala em si, se aprofundarmos este estudo, poderemos registrar um linha temporal do bebê, desde as suas primeiras manifestações ate a fala em si.

Salientando que este trabalho não tem por intuito estabelecer etapas, mas sim observar estas, como foi feito com Pedro, não é possível generalizar todos os bebês, porque cada um tem seu tempo e estímulos diferentes. Entretanto, é possível notar a importância do adulto neste processo pré-linguístico e pré-simbólico deste bebê analisado neste estudo.

Como levantamos outra questão que foi a de observar o que é considerado fase pré-linguística, Pedro já se utiliza dos choros, balbucio e gestos para conseguir o que quer, e também já sabe quem pode lhe ajudar.

Ele já estruturou um quadro na qual as pessoas do seu dia-dia ocupam funções. Ele sabe que se chorar ele consegue atenção e a partir daí dizer o que quer, para isso ele se estica , se torce, geme se sacode, utiliza de tudo o que está ao seu alcance para mostrar o que quer, é a partir daí que começa a se comunicar, mesmo antes de falar ele já consegue passar sua mensagem, o que caracteriza um processo de comunicação.

Entretanto , não assimilou ainda os usos e funções dos objetos apesar de reconhecer alguns , seus significados não são transmitidos a eles ainda de acordo com a concepção de Pedro. Foi possível observar a função do adulto nesse processo e também retirar o mito de que o bebê não participa desse processo. Assim como menciona Rappaport (2005) ele é ator com um papel tão principal como o adulto.

6 EXPECTATIVAS FUTURAS

Acredito que a graduação foi mais um passo na minha vida acadêmica, um grande passo. Quero continuar estudando e fazer uma especialização na área de psicologia, em breve pretendo ingressar no mestrado para me aprofundar mais sobre o assunto.

Com relação a minha carreira pretendo exercer minha profissão em sala de aula, que é minha grande paixão. Acredito que podemos fazer a diferença fazendo o que amamos e eu encontrei o que gosto de fazer, por isso pretendo seguir em sala de aula enquanto me especializo no assunto.

REFERÊNCIAS

BRUNER, Jerome. **Como as crianças aprendem a falar**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

ELKONIN, Danill. Jogo psicológico

ESPAÑOL, Silvia. Ontogeneses da experiência estética, 2005.

LURIA, Alexander Romanovich, 1996.

RODRÍGUEZ, Cintia. **O nascimento da inteligência: do ritmo ao símbolo**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VIGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**: 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____; LURIA, Alexander Romanovich. **A história do comportamento humano**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

DALMAZO, Marli Eliza Afonso de André. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Liber Livro, 2008.

RAPPAPORT, Clara Regina. **Teorias do Desenvolvimento**. Editora Pedagógica e Universitária. Volume 1, volume 2. 2005.

